

**Berenice Cavalcante**

Professora associada do Departamento de História da PUC-RJ. Coordenadora do Programa de Pós-graduação em História Social da Cultura da PUC-RJ.

# Os 'letrados' da sociedade colonial: as academias e a cultura do Iluminismo no final do século XVIII

"Concórdia, união e constância, amados companheiros, para que desprezando as batalhas da ignorância e da inveja, vos coroeis triunfantes na honra dos templos da fama e da sabedoria".

Academia dos Renascidos -  
sermão do acadêmico José

Antônio Sarre

**É** fato consagrado na literatura sobre o tema, o reconhecimento da 'influência' dos filósofos iluministas franceses sobre a elite intelectual da Colônia no final do século XVIII.

Se, por um lado, é inegável o desen-



volvimento de um pensamento ilustrado entre os 'letrados' da sociedade colonial, é igualmente inegável o reconhecimento das diferenças e singularidades que caracterizam este pensamento tal como se apresenta na produção originada nas academias que por aqui se formaram. Acrescente-se que, face às diferenças entre as idéias dos filósofos do século XVIII, para alguns autores seria impropriedade se falar em Iluminismo. Contudo, em meio a esta diversidade e pluralidade de pontos de vista, é possível reconhecer as questões comuns, a preocupação com um mesmo conjunto de problemas, as mesmas inquietações e a adoção das mesmas práticas.<sup>1</sup> É esta generalização



entre os cidadãos. Se a política constituía-se em atributo exclusivo ao monarca, e os assuntos religiosos em fonte de sedição e conflito entre os súditos, a restauração da paz e harmonia no meio social adviria dos progressos conquistados no plano da moral, concebida então como a grande força reformadora da humanidade. Vale lembrar ser a reforma moral a forma *indireta* de se fazer política ou de se proceder à crítica ao estado absolutista.<sup>5</sup> Combinam-se desta maneira os pressupostos da nova sociedade tal como concebida pelos filósofos, aos ideais de *civilidade* cultivado nos salões. Tal como praticada nos salões, esta noção de civilidade, cultivando a polidez como forma de sociabilidade, pretendia a criação de um espaço protegido onde a violência fosse interdita no trato cotidiano. Este seria também um espaço de prazer, de jogo, que estimulasse a vida do espírito, onde fossem igualmente interditados o aborrecimento e o tédio.<sup>6</sup>

O cultivo da vida do espírito abriu caminho para que as *belles lettres* adquirissem nova dignidade em substituição à destreza nas armas como critério para o reconhecimento de mérito e distinção social. Virtude e *politesse*, razão e perfectibilidade constituem-se como os novos dogmas pregados pelo credo das Luzes.

Em que medida a elite intelectual da Colônia, os letrados reunidos nas

academias do final do século XVIII, partilhavam estes ideais e comportavam-se segundo estes parâmetros de civilidade? Em que medida nestas instâncias desenvolve-se também o estilo que caracterizava as novas formas de sociabilidade?<sup>7</sup>

Uma rápida consideração a respeito do elenco de questões que atraía o interesse da elite intelectual reunida nestas academias - os 'letrados' da sociedade colonial - pode indicar algumas pistas interessantes para o desnudamento destas indagações.

Para os membros da Academia dos Esquecidos, seus propósitos voltavam-se para a implantação dos estudos históricos, divididos em quatro partes: natural, militar, eclesiástica e política, recontados através de 'máximas', e a produção de biografias - chamadas à época de 'retratos' - entre os quais os de André Vidal de Negreiros, Gaspar de Ataíde e Francisco de Moraes.<sup>8</sup> Para os sócios da Academia dos Seletos, seus trabalhos resumiam-se a celebrar Gomes Freire de Andrade, quando de sua nomeação como comissário real para a resolução das questões de fronteira na região Sul. Este material foi reunido num volume intitulado *Júbilos da América* publicado em 1754.<sup>9</sup> Escrever uma história em homenagem ao rei d. José animava as reuniões da Academia dos Renascidos<sup>10</sup> e o interesse em estudos de química e agronomia a Academia Científica do Rio de Janeiro.

Além da definição destes objetivos em torno dos quais se congregavam, os acadêmicos organizavam um planejamento das sessões e um programa de atividades em que se elencavam os temas, os assuntos e os 'problemas' a serem tratados nas reuniões ordinárias. A transcrição de partes desta documentação tornará mais claro o ponto desenvolvido neste artigo.

Tomando-se como exemplo a Academia dos Renascidos, em sua primeira reunião foram apresentados os temas para o assunto lírico - O mútuo afeto do nosso Augustíssimo Monarca -, e para os versos heróicos - Qual é de maior glória ao nosso Augusto Monarca, contar os seus felicíssimos anos depois do terremoto e geral perigo de 1 de novembro de 1755, ou contá-los depois do sucesso de 3 de setembro do ano passado? Em qual destes horrorosos acontecimentos se mostra a providência divina mais empenhada em conservar-nos a preciosa vida de nosso Fidelíssimo Rei e Pai da Pátria?

Ainda nesta primeira sessão, o secretário da academia Antonio Ferrão Castelo Branco discursou sobre o assunto que lhe fora atribuído, a saber: Paralelo entre S. M. Fidelíssima e o Pai Cristianíssimo Luiz XIV, examinando qual destes monarcas fez mais bem comum às manufaturas e ao comércio e qual deles escolheu melhores meios para fazer felizes os seus vassallos?

E, finalmente, a leitura da dissertação,

da qual havia sido encarregado o terceiro censor José Pires de Carvalho e Albuquerque: O grande afeto Del Rei Nosso Senhor às ciências e às artes. Em razão da quantidade de peças literárias lidas neste encontro inaugural, a sessão iniciou-se às três horas da tarde e encerrou-se às quatro da madrugada.<sup>11</sup>

Outro exemplo expressivo do interesse despertado pelas atividades do 'mundo do espírito', como no século XVIII se designavam as atividades relacionadas às belas letras e às artes em geral, pode também ser avaliado pelo conjunto de contribuições reunidas pelo doutor Manuel Tavares de Siqueira e Sá para a publicação de *Júbilos da América*: cento



**Júbilos da América. Lisboa: na oficina do doutor Manuel Alvares Solano, 1754.**

e vinte e oito sonetos, dezesseis romances, dois elogios (um em latim), duas elegias (uma em latim), quinze epigramas em latim, cinco décimas, cinco máximas cristãs (uma em latim), oito máximas políticas (uma em latim), seis máximas militares, sendo também uma em latim.

A utilização do latim era recomendada aos acadêmicos porque este idioma era o primeiro da lista das "cinco línguas mais polidas da Europa", segundo a recomendação feita pelo secretário da Academia dos Renascidos aos sócios, para elaboração de suas obras.<sup>12</sup>

Tendo em vista este elenco de temas com os quais se ocupavam os acadêmicos - história, 'retratos', versos heróicos e assuntos líricos, comparação do monarca português ao rei francês pela via da promoção das manufaturas, ciência e artes, e a forma como seriam tratados a leitura e o debate nas reuniões 'ordinárias' - mesmo que, provisoriamente, não se considere o conteúdo e a qualidade literária das respostas apresentadas, é possível reconhecer o que acima foi identificado como o estilo da cultura do Iluminismo. São referências procedentes para que se perceba a presença de valores da vida civilizada e polida dos salões, entre os quais o apreço à arte da conversação erudita, do estímulo às *belles lettres* e à imaginação.

Uma breve menção a alguns exemplos de temas tratados nas conferências da

Academia Brasilica dos Esquecidos reforça estas interpretações acerca das relações entre o apreço da imaginação, a busca do prazer e das situações lúdicas: Um delfim salvando um naufrágio; Menino gentil que colhendo flores pisou um áspide e A dama que revolvendo na boca pérolas, quebrou um dente.<sup>13</sup> No entanto, observa-se que não eram apenas os assuntos líricos e ditos jocosos que estimulavam a imaginação destes acadêmicos. Em outras ocasiões, os temas escolhidos revelaram inclinações eruditas, com particular predileção pela antiguidade clássica, como por exemplo: Uma estátua de Apolo ferida e desfeita por um raio; Diana assistindo o nascimento de Alexandre Magno na mesma noite em que Herostráto lhe estava queimando em seu templo ou Quem mostrou amar mais fielmente Clície ao Sol ou Endimião à Lua. Tais práticas sugerem que, nesta margem do Atlântico, criara-se uma ambiência que, em certos aspectos, em muito se assemelhava àquela experimentada em sociedades européias no mesmo período, quando se ensinava que: "L'âme a ses besoins comme les corps; et l'un des plus grands besoins de l'homme est celui d'avoir l'esprit occupé. L'ennui qui suit bientôt l'inaction de l'âme est un mal si douloureux..."<sup>14</sup>

Em outro plano, a explícita comparação de d. José com o rei-sol é sugestiva. Vale lembrar que Voltaire escreveu o *Século de Luiz XIV* para revelar seus pontos de



vista acerca da história, como inseparável das Luzes, isto é, da promoção das artes, ciências e belas letras. Dito de outra forma, o filósofo francês desvenda a racionalidade que, em sua perspectiva, atribuiria um sentido ao que ele mesmo inicialmente considerava um confuso amontoado de fatos. A identificação do século XVII ao soberano destaca o papel que caberia ao monarca esclarecido na promoção do progresso e felicidade de seus súditos. A proposição apresentada aos membros da Academia dos Renascidos transcrita acima sugere a presença de uma postura semelhante entre os 'letrados' da Colônia. Contudo, há algumas singularidades que devem ser destacadas. Se, por um lado, pode-se especular acerca de uma hipotética 'leitura' de Voltaire no que tange a adesão à concepção acerca do papel do príncipe iluminado e de sua intervenção no processo histórico, deve-se ressaltar, no entanto, que entre os letrados da sociedade colonial a compreensão da história não conquistara ainda independência em relação à crença da interferência da providência divina nos assuntos humanos, como se depreende do tema proposto para os versos heróicos. Neste caso é possível identificar os traços de um mesmo

*estilo*, numa certa medida de um mesmo *clima de opinião*, pelo partilhar de preocupações comuns que conviviam com interpretações e posturas vindas da tradição.

Contudo, ainda que se mantivesse a crença na intervenção da providência divina nos acontecimentos históricos, ela não foi de porte a impedir que estes estudos históricos realizados por alguns destes acadêmicos se voltassem para novos objetos e novos campos do saber típicos do século XVIII, como por exemplo, a 'história natural'.

Consoante os princípios do Iluminismo, tratava-se de conhecer a natureza e a história como formas de conquista e de apropriação do mundo, sendo esta a face utilitária e pragmática com que se passou a conceber a razão e o sentido do conhecimento, diferenciando-se assim da noção tradicional da contemplação de verdades eternas. No caso do conhecimento histórico, buscava-se o estabelecimento da verdade em relação a fatos sobre os quais pairavam dúvidas, suspeitas de falsidade ou que se constituíssem em fonte de equívocos ou lendas.<sup>15</sup> Com os estudos biográficos entremeados com citações de 'máximas', buscava-se a 'agudeza sentenciosa' com que deveriam ser construídos os textos



históricos. Os estudos de história apresentavam-se então como campo privilegiado para a valorização de comportamentos e virtudes morais, pois nas palavras de um destes acadêmicos era "vulgar ignorância querer ajustar um historiador à seca narração dos sucessos, sem que comente, pondere nem censure".<sup>16</sup>

O tema da moral é uma das claves em que a mencionada obra da Academia dos Seletos *Júbilos da América* pode ser lida. Já foi dito acima que esta obra era voltada para a "gloriosa exaltação e promoção do Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor Gomes Freire de Andrade", "...para exprimir (suas) agigantadas e superiores prendas" e, para destacar que "a todos (vários personagens de 'fama célebre') vence na erudição, nervosidade e elegância".<sup>17</sup>

A carta-circular aos acadêmicos apelava ao seu "apolíneo engenho" para uma "pública demonstração do quanto vivem completamente satisfeitos com o feliz governo do Ilustríssimo...".

Os acadêmicos dedicaram-se a tarefa de produzir uma obra voltada para a 'pública demonstração', dando asas à imaginação para que os versos, romances e sonetos destacassem, invariavelmente, as suas virtudes, e para que suas ações se constituíssem em

feitos dignos de louvor. É texto exemplar também para que se observe a aludida convivência das virtudes cristãs com as políticas militares, para que se conferisse mérito a um personagem.<sup>18</sup>

Conforme os versos dos acadêmicos, Gomes Freire de Andrade "sobre os fundamentos da religião faz subir um edifício de virtudes civis e militares", ...."temperando a doçura com a bondade, a severidade com a alegria, a gravidade com a humanidade, a justiça com a benevolência, o respeito com o amor" alcançando assim a "concordia das virtudes".

Tendo em vista que este artigo pretende discutir questões relativas aos 'letrados' da sociedade colonial, é procedente indagar-se sobre o sentido que se pode atribuir a um texto desta natureza. Nota-se que o interesse não era apenas o de destacar qualidades morais mas, sobretudo, proceder ao elogio de quem as personificava. Como obra de uma das academias fundadas no século XVIII, ilustra valores, atitudes e a prática destes 'letrados', permitindo que se conheça o *estilo* que se pretendia cultivar.

A 'concordia das virtudes' enaltecidas em Gomes Freire de Andrade permite desvendar, em níveis distintos, a

valorização de uma noção de civilidade como amabilidade, como polidez e afabilidade no trato cotidiano<sup>19</sup>, e a busca da perfectibilidade humana e da harmonia nas relações sociais, num sentido bem próximo daquele defendido pelo membro da Academia dos Renascidos citado na epígrafe deste texto.

A valorização da 'concórdia, união e constância' entre os membros de uma sociedade apresenta-se como condição para um 'coroamento', como pré-requisito para a conquista da 'fama e da sabedoria' na medida em que fossem eliminadas a ignorância e a inveja. Portanto, neste discurso em que se promovem as 'virtudes' em detrimento dos 'vícios' há um propósito reformador de natureza moral, do qual é indissociável a perspectiva de um tempo futuro construído sobre as bases da harmonia e do conagraçamento dos homens.<sup>20</sup>

Esta é uma das faces com que se apresenta a noção de progresso que os filósofos do século XVIII forjaram ao difundir a crença no papel das Luzes e do 'esclarecimento' e sua conseqüente vitória sobre as Trevas. Vale registrar que, para Koselleck<sup>21</sup>, é esta crença em uma sociedade originada da reforma moral de seus membros que se constituiria na grande utopia do século XVIII. Ou seja, nossos acadêmicos não estariam muito distantes de um *clima de opinião* que alimentaria a crença numa sociedade mais próspera, mais

feliz e mais harmoniosa, em função da associação que estabelecem entre *poder e saber*.

Todavia, em *Júbilo da América* as virtudes de Gomes Freire de Andrade 'são trazidas a público' em tom laudatório, em que o elogio avizinha-se da fronteira da bajulação. Além disso, os elogios não se restringem ao governador e capitão geral das capitanias do Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo.

Siqueira de Sá, no *Prólogo ao leitor*, justifica a aceitação do "honroso cargo" de secretário em razão da persuasão do presidente da Academia, padre mestre Francisco de Faria, da Companhia de Jesus. Discorrendo sobre as condições de sua indicação e o "inesperado" da situação, o secretário busca justificar a aceitação descrevendo o padre como alguém cujo "magistério temem os Platões, os Aristóteles, os Descartes e todos os demais corifeus das escolas e sistemas antigos e modernos". Se o elogio da filosofia é inquestionável, não deixa de chamar atenção o exagero em que as qualidades do jesuíta são ressaltadas. Este ponto será retomado em parte subsequente deste texto.

Um pouco mais adiante enaltece a figura de outro acadêmico, Mateus Saraiva, "por sua vasta erudição", reconhecida até mesmo "nos reinos estranhos, onde melhor se conhecem, amam, estimam e premeiam os amantes e professores das belas letras e por isso nelas

florescem". Referindo-se às suas obras sobre medicina, destaca suas "descobertas adquiridas a força da experiência e observação judiciosa e de particular estudo e reflexão" (grifos nossos). Nestas passagens procede a uma dupla valorização: das atividades do mundo do espírito e do método de conhecimento preconizado pelos enciclopedistas.<sup>22</sup> São pontos de vista que não deixam dúvidas quanto as possibilidades em se reconhecer a aurora de um movimento ilustrado na Colônia. Contudo, esta interpretação não contempla a questão dos elogios. Mais do que isto, o que chama atenção é o elogio desmesurado - tanto no caso de Gomes Freire, quanto do padre mestre e de Mateus Saraiva.

Neste proceder observa-se um duplo movimento: aquele através do qual são valorizados a dedicação ao conhecimento e o cultivo da 'vida do espírito', e aquele em que se afirmava a capacidade que os acadêmicos se viam portadores de julgarem e de atribuírem mérito. Esta é uma das formas com que se buscou estabelecer a mencionada relação entre saber e poder. Este deveria ser exercido pelos homens *esclarecidos*, por aqueles que cultivaram as virtudes *úteis*, para promover a felicidade, a harmonia e a concórdia. Na verdade, procede-se ao auto-elogio, ou ao auto-reconhecimento, através da identificação e enumeração das qualidades dos pares. Este tipo de discurso propunha-se a identificar neles

próprios as virtudes que idealizavam para o homem *esclarecido*.

Numa outra perspectiva de análise, tais práticas promoviam formas de sociabilidade que alimentavam o componente narcísico dos indivíduos e do grupo a que pertenciam, em primeiro lugar por diferenciá-los e distingui-los daqueles que não participavam das academias; em segundo lugar porque reforçava a expectativa de serem julgados favoravelmente pelo grupo que integravam e, finalmente, porque, *reciprocamente*, se autorizavam o poder de julgar as virtudes e de atribuir o mérito. Desta forma, compreende-se melhor duas referências anteriores: a importância adquirida na época pelos retratos e a expectativa de "coroamento nos templos da fama e da sabedoria", em tempo futuro.<sup>23</sup>

Esta é a dimensão em que a experiência da igualdade pode ser vivenciada, pois o que tais práticas viabilizavam era a confirmação da imagem que faziam de si mesmos. A almejada harmonia apresentava-se como cumplicidade pois a bajulação promovia um tipo especial de troca no convívio social em que palavras elogiosas eram trocadas por favores, razão pela qual os príncipes eram os alvos preferidos deste tipo de procedimento. No caso em tela, pode-se bem substituir a relação príncipe/súdito pela do colonizador/colono. Se, por um lado, o elogio exacerbado alimentava o prazer no nível da imagem



não impedia, no entanto, que a violência expulsa do convívio social, em nome do estabelecimento de relações civilizadas, retornasse sob a máscara da palavra polida e promovesse a quebra da harmonia, porque mascarava, na figura do bajulador, a humilhação e alimentava, no polo oposto, o desejo de vingança.<sup>24</sup>

Para não incorrer nos riscos de uma explicação extremamente simplificada dos conflitos latentes na sociedade colonial, nos limites deste artigo pode-se apenas sugerir, como hipótese, serem as condutas 'veladas' sua forma de manifestação. De resto, o 'mascaramento', o recurso ao 'encoberto' e ao 'segredo' foram marcas da cultura iluminista no século XVIII, como se pode confirmar, tomando-se como exemplo os estatutos da Sociedade Literária, redigidos por Silva Alvarenga em 1794<sup>25</sup>:

I. A boa fé e o *segredo* de modo a que ninguém saiba do que se tratou na sociedade; II. Não deve haver superioridade alguma nesta sociedade que será dirigida *igualmente* por modo democrático; III. O objeto principal será a *filosofia em toda a sua extensão*, no que compreende *tudo* quanto possa ser interessante; IV. Não se trabalhará somente sobre matérias novas, mas também sobre as mais sabidas, porque

será *útil* conservar e renovar as idéias *adquiridas e comunicá-las* aos que tiverem falta do seu conhecimento; V. Aquele que escrever alguma memória e apresentá-la à sociedade, sem que antes nem depois comunique a pessoa alguma, exceto quando a mesma sociedade julgue que se deve *por em prática, por utilidade pública*; VI. Para ser admitido qualquer novo sócio deve receber boa informação de sua probidade, segredo e aplicação, de sorte que se possa esperar *utilidade* de sua companhia; será recebido por pluralidade de votos; VII. Deve haver um secretário anual. Este guardará a chave do cofre, onde ficarão as memórias e tudo o mais que pertencer à sociedade. (grifos nossos).

A referência explícita ao segredo, mais do que confirmar algumas das afirmações acima abre novas trilhas à investigação. O partilhar um segredo identifica os membros de uma determinada sociedade e, *ipso facto*, aqueles que dela estavam excluídos. Estabelecem-se assim as fronteiras entre 'dois mundos' imaginários, cuja existência era fundamental para a compreensão da dualidade Luzes/Trevas, Saber/Ignorância. Não se pode deixar de fazer uma menção, ainda que breve, a este paradoxo do pensamento



iluminista que não deixa de reconhecer uma positividade no 'mal', isto é, na existência de um mundo a ser esclarecido e/ou civilizado, legitimador do papel dos filósofos iluministas na promoção do progresso moral da humanidade.<sup>26</sup>

O primeiro destes mundos, o das sociedades secretas, vale dizer, das academias, das sociedades literárias, ou das lojas maçônicas<sup>27</sup>, identifica-se ao mundo 'solar', ao mundo do conhecimento, que 'compreende tudo', representando a 'filosofia em toda sua extensão'. Este é o mundo que reúne aqueles que postulam uma outra atitude diante do conhecimento. O documento é explícito na consideração do conhecimento como 'útil' e de 'utilidade pública' e, neste ponto em particular, deixando transparecer, com clareza, sua concepção pragmática, traço característico do *clima de opinião* do Iluminismo.

Postular que a verdade e o mundo não são dados e sim 'adquiridos' e que o conhecimento deveria ter uma aplicação prática indicam um afastamento do pensamento oriundo da tradição escolástica e, por extensão, a valorização dos ideais enciclopedistas. Tendo-se como referência os propósitos especificados por Silva Alvarenga, os 'letrados' da sociedade colonial

pautavam-se por concepções típicas da identificação do par conhecimento/poder, não se diferenciando muito das sociedades eruditas e academias reais fundadas nas sociedades européias "em busca de meios que lhes permitissem capturar a natureza e forçá-la a revelar seus segredos".<sup>28</sup> Seja como elemento de 'proteção' em relação ao mundo exterior<sup>29</sup>, seja como razão impulsionadora do conhecimento do mundo natural, a noção de secreto parece constituir-se em cerne destes movimentos.

Foi esta irmandade criada em torno do secreto que, ao lado da liberdade de pensar vivenciada nestas agremiações, propiciou uma nova experiência para os membros destas "sociedades" de idéias".<sup>30</sup> A denominação deriva da ênfase ao livre pensar, ao livre curso às especulações que, acreditava-se, satisfaziam às necessidades do espírito e promoveriam o 'coroamento triunfante nos templos da fama e da sabedoria'.

Esta nova sociabilidade, vivenciada nas sessões e encontros dos acadêmicos - que colocavam lado a lado, o "bem nascido Garção, o modesto Diniz e o cabelereiro Quita"<sup>31</sup> - propiciaram formas típicas da experiência de igualdade na sociedade colonial, em que pouco importavam as diferenciações oriundas de riqueza ou dos

'cabedais'. Os membros de uma academia igualavam-se pela identidade de propósitos e na condição de livres pensadores.

Esta teria sido a ambiência em que os 'letrados' da sociedade colonial acalentaram os sonhos de 'concordia, união e constância', e em que se expandiu um *estilo* tipicamente civilizado, polido e

valorizador das *belles lettres*. Se alcançaram os templos da glória, ou se promoveram a harmonia e felicidade é outra história, mas que (re)criaram a noção de prestígio, parece inquestionável.

**Pesquisa desenvolvida com apoio do CNPq.**

## N O T A S

1. REILL, Peter Hanns. *The german enlightenment and the rise of historicism*. Berkeley University of California Press, 1975.
2. BECKER, Carl. *The heavenly city of the eighteenth century philosophers*. New Haven & London: Yale University Press, 1932.
3. KOSELLECK, Reinhart. *Le règne de la critique*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1979.
4. LICHTENSTEIN, Jacqueline. *A cor eloquente*. São Paulo: Siciliano, 1994.
5. KOSELLECK, Reinhart, op. cit. e DARNTON, Robert. *Boémia literária e revolução*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
6. STAROBINSKY, Jean. *L'invention de la liberté*. Genève: Albert Skira, 1987.
7. Principais academias fundadas no século XVIII: Academia Brasilica dos Esquecidos (Bahia), Academia dos Felizes (Rio de Janeiro, 1736), Academia dos Seletos (Rio de Janeiro, 1752), Academia dos Renascidos (Bahia, 1758), Academia Científica do Rio de Janeiro (1881) e Sociedade Literária (Rio de Janeiro, 1794).
8. PINHEIRO, cônego J.C. Fernandes. 'A Academia Brasilica dos Esquecidos. Estudo histórico e literário'. In: *Revista do IHGB*, 1868, vol. XXXI, pp.5-29.
9. LEOPOLDO, visconde S. 'Programa histórico'. In: *Revista do IHGB*. T.I, 1839, pp.61-63.
10. LAMEGO, Alberto. *A Academia Brasilica dos Renascidos*. Sua fundação e trabalhos inéditos. Paris: L'Éditions d'Art, 1923.
11. LAMEGO, Alberto, op.cit., pp.24 e 25.
12. Idem, ibidem, p.26.
13. CASTELO, José Aderaldo. *O movimento academicista no Brasil*. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1969, p.130, passim.
14. DU BOS, Abbé. *Refletions critiques sur la poésie et la peinture, 1718*, apud STAROBINSKY, Jean, op.cit., p.10.

15. Veja-se como exemplo a polêmica travada na Academia dos Renascidos em torno da dissertação do acadêmico José de Oliveira Bessa, intitulada 'Dos primeiros descobridores e povoadores da cidade da Bahia', que foi impugnada por outra, intitulada 'Apologia Cronológica em que se declara qual foi o primeiro capitão português que entrou pela barra da Bahia e qual foi o primeiro povoador que nela assentou casa e exerceu algum domínio', e que, segundo seu autor, teria gerado "uma controvérsia assás debatida", o que o levou a rever as afirmações de meia dúzia de crônicas sobre o assunto. LAMEGO, Alberto, op. cit., pp. 68-73.
16. CAVALCANTE, Berenice. "A ilustração brasileira: a leitura 'colonial' dos filósofos iluministas". In: *Letterature D'America*. Revista trimestrale. Roma: Bulzoni Editore. Anno XIII, nº 51, 1993, pp. 53-71.
17. JÚBILOS DA AMÉRICA. Coleção das obras da Academia dos Seletos. Lisboa: oficina do dr. Manuel Alvares Solano, 1754.
18. A título de exemplo pode ser citado o soneto: "Que importa, ilustre Freire, que brioso/ Reluzes, que teu nome esclarecido/ A força do buril seja esculpido/ No tempo, que edificas suntuoso! / Que importa, que pretendas cuidadoso/ Evitar o louvor, que te há devido, / Por querer que só Deus seja aplaudido/ Esse obséquio, Senhor, essa piedade/ Com que negas ao nome tanta glória,/ As raias te elevou da eternidade/ Pois ação tão ilustre e meritória/ Fará que em toda a idade/ Te eternizes nos bronzes da memória".
19. STAROBINSKI, Jean. "Le mot civilization". In: *Le remède dans le mal*. Critique et légitimation de l'artifice à l'âge des Lumières. Paris: Gallimard, 1989.
20. STAROBINSKY, Jean. "Luzes e poder em *A flauta mágica*". In: *1789. Os emblemas da razão*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988, pp. 132-153. Neste capítulo, o autor analisa a ópera de Mozart focalizando o embate entre Luzes e Trevas como a disputa pelo poder, encerrada, como se sabe, pela vitória do par Pamíno/Tamina, que depois de vencerem todas as provas a que são submetidos, são recebidos no Templo do Sol, significando a conquista simultânea da felicidade e do saber. A ópera 'lida' como maçônica, ainda sugere outra interpretação possível para as academias, como se verá em parte subsequente deste texto.
21. KOSELLECK, Reinhart, op. cit., p. 147.
22. DIDEROT e D'ALEMBERT. *Enciclopédia ou dicionário racionado das ciências, das artes e dos ofícios, por uma sociedade de letrados*. São Paulo: Editora UNESP, 1989.
23. Ver nota 19.
24. Esta hipótese toma emprestada a interpretação da fábula de La Fontaine, "A raposa e as uvas", feita por Jean Starobinsky no capítulo "Sur la flatteria", no livro *Le*

*remède dans le mal*, pp. 61-91.

25. AZEVEDO, Manuel Duarte Pereira. "Sociedades fundadas no Brasil". In: *Revista do IHGB*. Tomo XLVIII, p. 268.
26. MANUEL, E. Frank & MANUEL, P. Fritzie. *Utopian thought in the western world*. Cambridge: Belknap Press of Harvard University, 1979.
27. Ver nota 19.
28. ARENDT, Hannah. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981, p. 291.
29. COCHIN, Augustin. *Sociétés et Démocratie*. Paris: Librairie Plon, s/d.
30. Idem, *Ibidem*.
31. CÂNDIDO, Antônio. *Formação da literatura brasileira*. Momentos decisivos. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981.

## A B S T R A C T

The article discusses in what measure the 'literati' of colonial society in the academies which were founded during 18th century shared the *climate of opinion* which characterized the european intellectual movement of the period and developed the same *style*, that is, specific forms of sociability which sought civility and politeness. In the search for a happier and more harmonious society, the principles with which these *men of letters* intended to promote the progress of the Enlightenment will be analyzed through part of the documentation they produced.

## R É S U M É

L' article discute dans quelle mesure 'les lettrés' de la société coloniale, réunis dans les académies fondées au XVIII<sup>e</sup> siècle, partageaient *la même pensée* qui caractérisait le mouvement intellectuel européen de cette période et ont développé le même *style*, c' est-à-dire, des formes spécifiques de sociabilité qui cherchaient la civilité et la politesse. Avec une partie de la documentation produite par ces *hommes de lettres*, sont analysés les principes avec lesquels ils ont prétendu promouvoir le progrès des Lumières, à la recherche d'une société plus heureuse et plus harmonieuse.